

ESPANHA

RESURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

A' MARGEM

AGORA QUE SE VAI fazer o prolongamento da Rua de Gil Vicente até à Rua de Santo António é ocasião para fazer desaparecer a esquina saliente, aleijão que muito prejudica aquela rua.

Como não se fêz quando se arranhou e se pavimentou de novo é necessário que agora, para ficar obra completa, se deite abaixo esta esquina.

QUEM, VINDO DAS ESTRADAS de Braga ou Pôrto, entra na Rua de Gil Vicente, vê na sua frente, no alto o recorte do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães, em baixo as traseiras dos prédios da Rua das Trinas. Apeando a parte das antigas muralhas que ainda ameaçam ruína, erguendo-as de novo e restauradas as muralhas completariam maravilhosamente a vista do Paço, pois tapando as traseiras dos prédios das Trinas, enquadrariam perfeitamente como primeiro plano do Paço dos Duques de Bragança e Guimarães. Cremos ser a melhor solução.

COMEÇOU A PRIMAVERA e com ela a obrigação que as senhoras de Guimarães têm de ir tratando de arranjar vasos de flores e trepadeiras para enfeitarem as suas janelas e sacadas, de maneira a acharem-se floridas quando das Festas Centenárias. Diversas vezes temos focado este problema, de que o nosso ilustre colega *Comércio de Guimarães* tem feito pendão, com justiça. Um pouco de esforço e vontade e este sonho será uma realidade encantadora.

APROXIMAM-SE VERTIGINOSAMENTE as Festas Centenárias e muito ainda temos a fazer para que quando da sua realização esta cidade se apresente o mais interessante possível aos olhos dos ilustres visitantes que até nós vierem, desejosos sempre de recantos e horizontes novos, típicos, por isso mesmo originais, e que nós com um pouco de bom gosto poderemos arranjar, que motivos não nos faltam. Pequenos arranjos de recantos típicos; às vezes resumem-se a um conselho aos próprios proprietários dos prédios que se estão a pintar — e não se admite que alguns continuem caçando o granito do rés-do-chão das casas de resalto, nem falando nos que imitam o granito, pintando-o a fingir granito!

ESCOLA NOVA

A *Escola Nova do Estado Novo* é essencialmente educativa, estrênuamente defensora dos salutares princípios divinos e morais da conduta humana. Menos liberdade e menos ciência livresca, mas mais amor, mais ciência da alma. A instrução não domina as más tendências, não fecha a bôca sôfrega, não domina o braço criminoso não purifica a alma. A ser assim, como alguns supõem, entre as pessoas instruídas não iríamos topar com o malcriado, o bêbedo, o devasso, o assassino e o ladrão, mas não é difícil medir a proporção afitiva daqueles que conhecendo o mal e os perigos, os não evitam. O bêbedo conhece o mal que é para a sua saúde o uso inveterado do alcool, o escrevinhador de cartas anónimas sabe quanto é indecente, o assassino conhece a maior desgraça que vai seguir-se ao seu acto desvairado, o ladrão não ignora o quanto se arrisca assaltando a casa alheia, mas esse conhecimento não decide sôbre as fôrças das más inclinações. No seu pendor abrupto para o mal a descida do homem é veloz, tem pés de chumbo e faltam-lhe as asas pandas do sentimento. A inteligência que abriu com ideas, falta a luz e a fôrça do coração. Assim escreveu Payot: «A inteligência envergonhada de sua impotência gosta de alimentar a ilusão de que é soberana. Mas na realidade as inclinações tratam o negócio sem ela, que tem tanta influência sôbre o resultado do conflito como o metereologista sôbre o grau de saturação da atmosfera, sabendo que há-de chover no dia seguinte.» Spencer diz-nos que são os sentimentos que governam o Mundo e nós bem sabemos que assim é. Verifiquemo-lo na nossa história brilhante. Por isso os sentimentos nobres do povo português, diminuídos e aviltados estão a restaurar-se. *A Escola Nova do Estado Novo é sentimental.* Estão nisso empenhados os seus orientadores. Desprendendo-se das minúcias do conhecimento intelectual os professores vão promover o intenso despertar e a profunda radição das altas virtudes nacionais. Em vez da recitação abstracta improffica e mortificante de conhecimentos que tantas vezes o próprio mestre desconhece, estúpido trabalho de abarrotar a memória, preferimos a actuação simples mas zelosa de enchermos de amor de Deus o coração dos pequeninos que nos entregam. Riboulet o confirma: «Para formar caracteres bem temperados, é preciso pôr Deus na base e no cimo da educação». *A Escola Nova do Estado Novo é crente.*

Mas a crença não basta.

«Entre a crença «psitáica» puramente intelectual da burguesia das pequenas cidades e a crença sentida dum dominicano, lembra-nos Payot (e sabêmo-lo todos muito bem), há profunda diferença. «Porque sentiu a verdade religiosa, este último (o dominicano) pode fazer-lhe o sacrificio absoluto de si mesmo, privar-se do que o Mundo aprecia, aceitar a pobreza, as macerações e um regime de vida muito duro. O burguês, para quem a crença é de ordem intelectual, vai à missa mas não tem a mínima repugnância pelo mais tórpe egoísmo». Desta verdade assente e tristemente vulgar, o não bastar que a escola seja crente, mas a *Escola Nova do Estado Novo é cristã.* A nossa Escola há-de enriquecer-se à luz de Cristo, cheia do seu amor e de sua Caridade, sempre ao clarão dessa fogueira refulgente que fêz emergir um mundo radioso e belo das trevas da barbárie e cujo apagar criminoso feito dos materialistas, nos lançou outra vez em tormentos de vida. Ela há-de ser profundamente cristã. Não basta que lá esteja o Crucifixo, a falar aos nossos sentidos devotos, deve lá florir o Seu Espírito, feito estímulo de bem querer e bem actuar. Nós só fomos grandes, porque fomos cristãos.

A escola será cristã de verdade na aproximação da Igreja e na prática dos Mandamentos. A bem da Pátria e de cada um de nós, esforce-

(Continua na 4.ª página).

A' MARGEM

UMA PERSPECTIVA que se encontra totalmente prejudicada é a das avenidas novas (Estrada de Fafe) tendo como fundo o Castelo e o Paço dos Duques.

Quando da realização das Festas Centenárias ainda se encontrarão de pé as paredes do condenado edificio para os novos Paços do concelho?

QUANDO ACABARÁ entre os portugueses a fobia pelas lindas árvores que são o encanto dos nossos mais belos lugares?

A' barbaridade do corte das frondosas árvores de S. Torcato, segue-se-lhe agora as fronteiras à igreja do Convento da Costa!

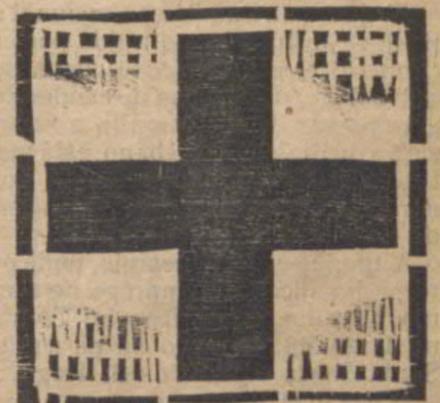
Há dias, em visita ao Convento, notamos dolorosamente a falta dessas irmãs árvores do santo e poeta, substituídas pelas inestéticas árvores do parque brasileiro, destoando completamente do local. Como devíamos obrigar a ler e a meditar aquêles versos sublimes que Mestre António Correia de Oliveira dedicou um dia à árvore.

HONESTIDADE E MENTALIDADE — eis os fins a visar pela propaganda. Num discurso na Assembleia Nacional disse o deputado padre Abel Varzim: — O desemprego é a fome, os queixumes revoltados; é a Nação empobrecida, vilipendiada, inquieta e sofredora.

A doutrina corporativa portuguesa tem em si própria a fôrça suficiente para resolver a crise do desemprego e a crise de miséria, sua lógica consequência.

O que lhe falta então?

Compreendê-la e pô-la em prática.



D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

1.º Domingo depois da Páscoa

Evangelho (João, XX, 19-30). — Chegada que foi a tarde daquele dia, que era o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se achavam reunidos, pelo medo que tinham dos judeus, veio Jesus, e, aparecendo no meio deles, disse-lhes: «A paz seja convosco». E, dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se à vista do Senhor. E ele disse-lhes segunda vez: «A paz seja convosco. Assim como meu Pai me enviou a mim, assim eu vos envio a vós». Ditas estas palavras, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo: os pecados serão perdoados àqueles a quem vós os perdoardes, e serão retidos àqueles a quem vós os retiverdes». Mas Tomé, um dos doze, que se chama Dídimo, não estava com eles, quando veio Jesus. Os outros discípulos disseram-lhe: «Nós vimos o Senhor». Mas ele respondeu: «Eu, se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e se não meter a minha mão em seu lado, não acreditarei! Oito dias depois, esta vamos discípulos outra vez dentro, e Tomé com eles. Veio Jesus a portas fechadas, e apareceu no meio, e disse: «A paz seja convosco». E logo disse a Tomé: «Mete aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega também a tua mão, e mete-a no meu lado: e não sejas incrédulo, mas fiel». Respondeu Tomé, dizendo: «Senhor meu e Deus meu». Disse-lhe então Jesus: «Tu crêste, Tomé, porque me viste: bemaventurados os que vieram, e creram». Muitos outros prodígios fez ainda Jesus em presença de seus discípulos, os não foram escritos neste livro.

Homília. — Recordemos as circunstâncias da aparição do Salvador e a

alegria que esta saudação despertou no ânimo dos Apóstolos até aí tão perturbados e aflitos...

Comparemos o *Pacem relinquo vobis* de Quinta-feira Santa com o *Pax vobis* do dia de Páscoa e peçamos ao Senhor que se digné também descer até nós e dizer-nos como aos discípulos: *a paz seja convosco!*

A verdadeira paz, a que vem de Deus, a que devemos desejar e procurar, não é outra coisa, no dizer de Santo Agostinho, senão a *tranqüillidade da ordem*, isto é, o estado duma vida bem regulada.

Nosso Senhor veio habitar entre nós para restabelecer a ordem destruída pelo pecado para dar paz à terra. Mandou anunciar esta paz, desde o seu nascimento, pelos Anjos: *Pax hominibus bonae voluntatis*, isto é, a todos aquêles cuja vontade é conforme à de Deus. Conquistou-a pela sua morte destruindo o império do demónio e as más tendências... E no dia da Ressurreição vem repartir essa paz com os Apóstolos e encarregá-los de a levarem em seu nome a todos os homens.

Notemos ainda que esta paz cresce e torna-se cada vez mais perfeita e agradável, à medida que a alma é mais fiel, porque é fruto do Espírito Santo, é a caridade divina, é o próprio Jesus.

Quem se não esforçará por adquirir e conservar, este *dom de Deus*, tão precioso e excelente?

Procuremos manter sempre aquele estado de alma e de consciência que desejaríamos ter à hora da morte: *Si modo moriturus esses*. Procedamos sempre como se nosso Senhor nos visse duma maneira sensível, ou como se estivessemos na sua presença.

Devemos agradecer a Jesus o ternos merecido e dado a verdadeira paz. Vigiem os nossos sentidos, especialmente o coração, para não pôr obstáculos a essa paz divina e para nunca a perder. Amen.

Mais nabos?!

(Retardado)

Os jornais anunciam que o sistema de iluminação pública da cidade vai ser modificado, para o que já foram encomendados novos candeeiros.

A questão parece simples, mas trata-se, na verdade, de um caso de indiscutível interesse.

E' que uma iluminação racional só pode ser estudada e dirigida por engenheiro electrotécnico e como, por outro lado, do sistema de candeeiros a empregar depende muito a valorização de um centro urbano, está também indicada a conscienciosa ponderação do assunto pela Comissão de Estética.

A ninguém, por exemplo, pode parecer justificado o emprêgo do mesmo tipo de candeeiros no Toural, no largo 28 de Maio ou na rua de Santa Maria e praça de S. Tiago...

Por causa d'este e de outros problemas, já pugnamos no *Ressurgi-*

mento pela criteriosa classificação das ruas históricas de Guimarães, — de Guimarães «única e intangível», aplicando aqui a expressão que Toledo, por desgraça e glória sua, não conseguiu tornar realidade.

Assim, com a cidade dividida em duas zonas, seria mais fácil tomar cuidado com quaisquer obras a fazer nessas ruas, para nós tam valiosas como os mais belos monumentos.

Da mesma forma todo o cuidado é pouco no que se refere à parte menos característica ou mais moderna da cidade.

De norte a sul do país (e nós cá os temos, por exemplo, na Avenida Nova...) só um tipo de candeeiros se conhece actualmente.

O povo, espiritualmente, apelidou-os de «nabos» e, na verdade, a sementeira está viçosa e promete crescer, medrar, se o clima, mercê de inesperados ventos, não mudar de feição.

Aqui se lembra a necessidade de arrepiar caminho, não se trocando os candeeiros existentes por outros mais feios ainda com a agravante de

Aniversários

Abril, 1 — D. Emilia Teixeira de Aguiar, João Luiz C. de M. de Almeida Campos e dr. Domingos Rocha.

3 — Octávio Pereira Machado.

4 — D. Constança Vitória de Abreu Lima Martins de Meneses, D. Maria Inez Martins Fernandes Ribeiro e aspirante Carlos Herculano de Castro Meireles Amado.

«Brotéria»

Saiu o número de Março desta esplêndida revista de cultura, com o sumário:

Francisco Rodrigues: Resposta Apologética. Diamantino Martins: Em face da vida e das crianças. João Mendes: A guerra e o Homem de agora. José Carvalhais: Conceito de *acaso* em Aristóteles e S. Tomaz. Costa Lima: plásticas e roxas. Abílio Martins: um psicanalista independente. Nogueira Machado: uma integração no paralelismo das curvas torças. Luiz Chaves: o *ciclo dos 12 dias* em Portugal. P. D.: Ainda a tradução portuguesa dum poema de Francisco Thompson. Gomes dos Santos: Coeducação. Do que se pensa pelo mundo. *Bibliografia portuguesa e estrangeira.*

S. N. dos Empregados do Comércio

Pela direcção da secção de Guimarães d'este Sindicato foi dirigido um apêlo a todos os vimaranenses pedindo um auxílio para a compra da sua bandeira.

Ação Católica

Sob a presidência do cônego sr. dr. Martins Gonçalves reuniu-se uma comissão que pretende intensificar a doutrinação do nosso concelho.

L. P.

A guarda de honra ao Chefe do Estado no dia 3 de Junho será feita pelo batalhão n.º 13, para o que se trabalha com afinco.

Domingo, 31, há instrução, devendo os legionários aparecerem fardados.

Club dos Caçadores

Corpos gerentes do Club de Caçadores das Taipas, que tomaram posse no dia 19 de Março de 1940:

Assembleia Geral — Presidente, comandante Carvalho Crato; vice-presidente, Tomaz Rocha dos Santos; vogais: dr. Carvalho Ribeiro, Herculano Silvério, António Faria da Silva e António da Silva Fertusinhos.

assemelharem Guimarães a todas as cidades, vilas e aldeias de Portugal, alterando-lhe, por consequência, o seu carácter inconfundível.

Oxalá não se semeiem mais «nabos» e se faça trabalho definitivo, tendo em conta a moderna técnica iluminadora e a conveniente valorização estética dessa bela terra.

Assim seja.

MARTIN VICENTE.

NOTICIÁRIO

Conselho Fiscal — João de Miranda Antunes Guimarães, Matias Faria da Silva, Artur Baptista Vieira, Francisco Braga, Amâncio José Maria da Silva e Isaias Fertusinhos.

Direcção — Dr. Alfredo Fernandes, Francisco Costa e Silva, Alberto Martinho, António Soares Teixeira, Alvaro Cândido de Lemos, Isac Ferreira da Silva Gonçalves, José de Oliveira, efectivos; Manuel Cunha, José Francisco Rosas Guimarães e Arnaldo Soares, substitutos.

A. F. F. O. V.

No dia 14 de Abril reunirá a assembleia geral da Associação Fúnebre.

Caridade

No dia 4 de Abril haverá uma sessão cinematográfica com o filme *o Avozinho*, em benefício do Asilo de Santa Estefânia.

Festa religiosa

No dia 1 de Abril realizar-se-á na igreja dos Santos Passos a festa da Senhora dos Prazeres.

Às 11 horas, missa solene; às 18, vésperas, sermão, *Te-Deum* e Bênção.

Inscrição de gado bovino para consumo

A Comissão de Abastecimento de Carnes de Guimarães torna público que recebe inscrições de gado bovino adulto e adolecente, aos preços e condições seguintes:

Gado bovino adulto — Animais das raças barrosa, arouquesa e galega, 1.ª qualidade, 85\$00 a arrôba; 2.ª, 79\$00 e 3.ª 74\$00.

Animais de outra raça — 1.ª qualidade, 79\$00 a arrôba e 2.ª, 74\$00.

Gado bovino adolescente (vitelas) — 1.ª qualidade, 7\$75 o quilograma e 2.ª 7\$25.

Comunica-se igualmente que, nos termos do Regulamento das Comissões de Abastecimento, o peso limpo da carcassa compreende o da língua, rins e rilada, o que representa, nos animais em regular e bom estado de nutrição um aumento de rendimento de 3\$50 a 4\$00 por arrôba na presente tabela, em relação à antiga forma de pesar.

Dão-se todas as informações na sede da Comissão, no Matadouro Municipal de Guimarães.

A PROPAGANDA PRECISA de educar corporativamente, formando, a mentalidade corporativa do país. Como?

Numa Europa em crise de espírito — disse-o o Governador Civil do Porto na Sessão de Propaganda do Teatro Rivoli, donde tiramos as passagens dos discursos do Dr. Albino dos Reis e comandante Gabriel Teixeira no nosso último *A' margem* — inventou-se, há anos, na Bélgica, como dito infeliz, o verbo *portugalizar*. Pois, hoje, numa mesma hora de crise, se a Europa se quiser salvar, terá de se *portugalizar!*

Temos de fazer a contra ofensiva — mas como?

— Pela rádio, pelo jornal.

— Pela palavra, pelo exemplo.

CARTA DE LISBOA

Escreviamos nós, há muitos anos, num modesto ensaio de crítica psicológica:

— «O que deve, sobretudo, interessar ao pensador, ao poeta, ao político, ao observador vigilante das almas e das cousas, é exactamente o estudo das reacções do Espírito em face da matéria, da realidade brutal. A luta, por exemplo, entre uma criança e um leão não oferece dúvidas sobre o seu desfecho. Mas o primeiro movimento moral da criança, perante o perigo iminente, esse importa-nos analisar com atenção.»

O recente caso finlandês faz-nos recordar, até certo ponto, as palavras do nosso modesto ensaio. Sabia-se muito bem que a Finlândia, sem imediato e eficiente auxílio, não tinha condições de resistência definitiva às pesadas avalanches da barbárie eslava. Mas a criança não fugiu automaticamente diante do leão, que a investia. Lutou, quasi sem homens e sem armas, a heroica Finlândia. O Espírito venceu completamente a Matéria, infligiu-lhe duras perdas, ensinou o Mundo e encheu-o do pasmo da admiração. Moralmente, a Finlândia ganhou. Moralmente, a Rússia sofreu a mais pesada das derrotas e cobriu-se, afinal, do mais profundo ridículo. Os relativos êxitos que obteve, deve-os unicamente, não à sua competência militar, ao seu valor bélico, à sua capacidade estratégica, às qualidades morais das suas tropas, mas às toneladas do seu ferro, às centenas de milhares de postas humanas que atirou para a carnificina. A estatística dos mortos é eloquente: 50.000 finlandeses para 200.000 russos. Eis o retumbante triunfo do heroísmo, que só o Espírito pode e sabe criar!

O final da derrota comunista esperamos vê-lo ainda em nossos dias com a ajuda de Deus!

Certos inimigos da Situação que ficaram e venderiam de bom grado o país pelos trinta dinheiros da traição — não cessam de fomentar os mais infames e fantásticos boatos, para acusarem o governo e envenenarem a opinião pública. A estultícia desses boatos atingiu o auge da própria imbecilidade, com esta afirmação, que não logrou convencer ninguém: «ainda a guerra, por assim dizer, não começou e já o Estado vem atirando o país para a perspectiva da pior das fomes!»...

A resposta dá-se em duas palavras e em face de um mapa publicado há dias no *Paris-Soir* e quasi a seguir transcrito pelo *Diário de Notícias*. Por esse expressivo documento gráfico, se fica sabendo que, em toda a Europa, o estado de guerra determinou racionamentos e outras restrições. Apenas dois países escaparam: Roménia e Portugal.

Pois muito bem. A própria Roménia foi agora atingida, visto que começaram ali as restrições ao consumo de carne. Resta Portugal, por consequência, na situação de único país europeu, onde as duras leis económicas da guerra, ainda não se fizeram sentir a tal ponto que fôsse preciso imitar o exemplo das outras nações neutras.

Onde fica a consistência do boato, santo Deus!

Uma de outras atoardas, que também não pegou, pretendia manchar o crédito de certo liceu daqui, com um amontoado de porcarias de natureza moral.

Porém, logo os pais das próprias alunas foram os primeiros a lavar o seu indignado protesto, e a calúnia teve condigno remate na homenagem que acaba de ser prestada à ilustre reitora do «Maria Amália Vaz de Carvalho».

Que novas infâmias andarão a forjar os judas da nação?

A Emissora Nacional inaugura hoje uma interessante série de palestras sobre assuntos enciclopédicos, ao alcance de todos, com o louvável objectivo de proporcionar aos ouvintes atentos, não só alguns minutos de recreio espiritual, mas ainda curiosos elementos, que possam servir para intensificar a sua cultura geral. Tais palestras são transmitidas às 21 horas de todos os domingos e para elas, em vista do seu indiscutível interesse, chamamos a atenção dos nossos leitores.

Foi há poucos dias publicado na folha oficial o decreto que cria um «Gabinete de Coordenação dos Serviços de Propaganda e Informações», junto da Presidência do Conselho.

Este novo organismo público, do qual, com admirável visão de opor-

tunidade e sentido de absoluta eficiência, se espera colher importantes resultados, visto que corresponde plenamente à continuidade do pensamento de Salazar, em matéria de interesse nacional, agora tornada convergente graças a uma sólida e definitiva directriz coordenadora, aquêle organismo—escreviamos nós—fica constituído pelos directores do Secretariado da Propaganda Nacional e dos Serviços de Censura e ainda pelo presidente da Comissão Administrativa da Emissora, servindo de secretário sem voto o Chefe dos Serviços de Imprensa do S. P. N.

Pelo art. 2.º do referido diploma, toda a acção de propaganda e orientação de programas, tanto da Emissora Nacional, como dos emissores e postos radiotelegráficos particulares passam a ficar subordinados à Presidência do Conselho, que, por sua vez, encarrega o S. P. N. de velar pela «unidade de orientação de todos os serviços públicos», no capítulo respeitante a *propaganda e informações* (n.º 1.º do art. 3.º).

A actividade do Secretariado fica, pois, assim, convenientemente ampliada. Tanto mais que, além destes encargos, o decreto incumbê este organismo de manter a ligação da E. N. e da «Censura» com a Presidência do Conselho, bem como de assegurar as relações do Estado com a Imprensa, estações emissoras e agências noticiosas telegráficas instaladas em Portugal.

Vai ser muito em breve inaugurada a base aérea n.º 2, no Campo

Imagens e notas da guerra



O mais moderno hospital de campanha

A Cruz Vermelha Alemã construiu agora um hospital ambulante motorizado.

Saíram de Berlim 8 camiões cada um com 2 carros atrelados. Chegadas ao destino, desembarcaram os homens, que construiram, num só dia, todo o hospital, que consiste de 32 barracas, tendo cada uma delas o comprimento de 32 metros e a largura de 5,5 metros, com a altura de 2^m,70. Há 400 camas para doentes e a instalação cirúrgica é tal qual como num grande hospital moderno de uma capital. Não falta a sala de operações, nem a farmácia, nem as instalações para raios X, nem tam pouco um laboratório.

O hospital ambulante é construído completamente independente de qualquer ligação eléctrica ou conduta de água, pois governa-se por si próprio. Os motores dos carros dão a corrente eléctrica e o aquecimento. Um dos carros portadores de água, leva 8.000 litros dos quais pode fornecer 1.000 litros de água quente.

O hospital não depende, portanto, de qualquer conduta de água; há carros para a cozinha e carros com instalação de lavagem de roupas.

As barracas são construídas de metal leve e cada uma tem apenas o peso de 1.800 kg.

7 homens são o suficiente para construir, dentro de uma hora e meia, uma casa, concluindo-se também neste espaço de tempo a instalação interior.

Um carro com gasolina está incluído no número dos carros acima mencionados, dando ao hospital um raio de acção de 2.000 km.

Este hospital de «pronto socorro» é especialmente útil devido a poder ser facilmente deslocado para onde for necessário, prestando, em caso de desastres graves, os socorros que doutra maneira só um grande hospital, que a maior parte das vezes não está no próprio local da catástrofe, o poderia fazer.

da Ota, a qual pode ser incluída no grande plano das maiores obras feitas pelo Estado Novo, quer, considerada sob o ponto de vista de objectivo militar, quer sob o ponto de vista de trabalho de engenharia.

Estamos informados de que se trata de uma pequena, mas verdadeira cidade de aviadores, com características próprias, entre as quais figuram higiénicas e confortáveis moradias para oficiais e sargentos.

Para se avaliar da rapidez destas construções, da competência dos seus dirigentes e do método que a tudo presidiu, bastará dizer o seguinte: ainda há poucos meses, nada existia ali que fizesse supor, mesmo aos maiores optimistas, a importância e a grandeza da obra realizada.

A tarde de Quinta-feira Maior teve um extraordinário movimento de fiéis, em visita aos templos.

De ano para ano, nota-se, por toda a parte, um notável revigoreamento de fé, para o que, sem dúvida, muito contribue a inquietação dos espíritos, o seu anseio profundo de paz e o regresso da Nação à sua doutrina eminentemente cristã.

Vem a propósito da Semana Santa, esta interessante comunicação, que respigamos de um livro de António Cabreira, sobre a data exacta da morte de Cristo:

Existe em Portugal, na posse de um ilustre engenheiro e professor, um dado curiosíssimo, com 0^m,027 de aresta, o qual apresenta uma distribuição de pontos idêntica à actual, mas é de volume aproximadamente 11 vezes maior.

Tal objecto foi encontrado, ao que afirma o seu detentor, numa fossa, aberta junto de várias sepulturas, na cidade de Mérida que foi capital da Lusitânia.

Trata-se de um autêntico dado romano, feito de marfim, e não repugna acreditar, mercê de consistentes argumentos da tradição católica, de carácter afectivo e de natureza histórica e arqueológica, que o dado em referência seja um daqueles de que se teriam servido os legionários romanos, para jogarem a túnica do Divino Mestre.

Não seria interessante investigar a fundo este assunto?

1940, Sábado de Aléluia.

Z. DE M. F.

Justiça Social

A vida do homem não cabe dentro de fórmulas acanhadas e estreitas.

Se queremos combater eficazmente os sistemas que as criaram e são a negação absoluta e até adversários perigosos do espírito revolucionário da Ordem Nova, é urgente ir ao encontro do povo, como dizia Leão XIII transformando, gradual e evolutivamente, sem atropelos, sem violências, sem injustiças, o seu nível geral de vida, por forma a garantir-se-lhe toda a sua dignidade e independência. O importante é não nos perdermos em divagações românticas ou preenchermos o tempo com críticas pedantes e irreflectidas, mas irmos em linha recta direitos o fim. Mais: uma Nação não se equilibra com concepções líricas ou destruidoras da personalidade humana, nem se refaz tam pouco com reformas tími-

(Continua na página seguinte)

Justiça Social ESCOLA NOVA

(Continuação da página anterior)

das, hesitantes mas sim com fórmulas positivas, transformadoras, enérgicas, humanas, bem radicadas no espírito da Tradição, nas necessidades vivas e essenciais do homem — na realidade das coisas.

Procurar a satisfação dessas necessidades no subterrâneo do materialismo é saciar com veneno, aparentemente atraente, os anseios honestos do operário.

Lembremo-nos de que só vinga e triunfa a ideia que representa a verdade integral e que provoca a reforma do clima económico-social dos trabalhadores. E tanto mais essa ideia se afirma, e se radica, e vence, quanto mais profunda, e perfeita, e cristã for essa transformação.

Na sua notável conferência *Conceitos Económicos e Sociais da Nova Constituição*, Salazar é o doutrinador a defender o mesmo princípio, afirmando que «se o homem não deve ser escravo da riqueza, também se não deve organizar a vida de modo a ser escravo do trabalho». Por isso «nós queremos ir — acentua ainda o sr. presidente do Conselho — na satisfação das reivindicações operárias, dentro da ordem, da justiça e do equilíbrio nacional, até onde não foram capazes de ir outros que prometeram chegar até o fim».

Quere isto dizer que o Estado-Corporativo, na sua marcha revolucionária e ascensional, procura dar aos trabalhadores o que o liberalismo económico e o comunismo lhes recusam: Justiça Social — ou seja aquilo que de mais forte e mais alto há no íntimo do nosso sistema. Ser-lhes à dada, porque — como disse Salazar — «a revolução continua, enquanto houver um português sem trabalho e sem pão»... mas continua dentro da Moral, da Autoridade, da consciência das responsabilidades recíprocas, e jamais segundo os preceitos das concepções materialis-

(Continuação da primeira página)

mo-nos para cumprir o que é determinação oficial, por ser caracteristicamente português — sejamos católicos e façamos católicos os nossos pequenitos. Assim a *Escola Nova do Estado Novo é Católica*. No Catholicismo existe o culto do amor universal. Todos somos irmãos por sermos filhos do mesmo Deus. Mas esta compreensão nada tem de comum com o «universalismo óco» dos bolchevistas, que não têm fronteiras. Sempre no melhor entendimento, nós, católicos, somos universalistas no Espírito, mas como não fazemos apologia mentirosa que a nossa fé repudia, somos patriotas, no mundo material. E somos até mais patriotas, porque somos católicos. A nossa terra é o mais fino presente do Céu e ganhámo-la com o nosso esforço apostólico. Deu-no-la Deus, porque os portugueses são seus filhos dilectos entre os povos evangelizadores e não podemos esquecer, quanto alteava o coração valente do Grande Rei nesta nobre cidade nascido, o fervor religioso, o amor de Cristo. Com tam rica dádiva como o nosso Portugal seria reles ingratião e rematada loucura que dêle não fossemos devotados filhos. E assim, a *Escola Nova do Estado Novo é patriótica*.

Havemos afirmá-lo na realidade encantadora da «Mocidade Portuguesa». Mas o culto de Deus e da Pátria mergulha suas raízes no terreno humano do lar. E' no ambiente restrito da casa, a pequena Pátria, que se ganham as afeições da grande Pátria. Nela se formam os heróis e os santos. No seu seio proliferam os grandes ideais e ganham realização as mais formosas obras, jardim virente onde se abrem para a vida de luz, de graça e beleza, as açucenas primorosas dos filhos. Sem casa, sem família, não há doçura. Por isto a *Escola Nova do Estado Novo é familiar*. Nela se cuida do culto da Família.

SILVESTRE DE FIGUEIREDO.

tas e os vaticínios dos panfletários sem categoria.

Dado o estado de abandono a que os trabalhadores chegaram, a Justiça Social não é apenas *desejável*, tornou fóros de *inevitável*. Tem por isso o Estado, a quem pertence exclusivamente a função da justiça, de distribuí-la sem delongas, nem fraquezas, mas com equidade, com espírito cristão por forma a diminuir-se as distâncias das desigualdades económicas e sociais entre os homens, que são colaboradores e servidores da Nação.

Mas a Justiça Social não pode ser reclamada e muito menos conseguida através de ódios, de lutas, de má fé, de malquerenças, ou da envenenada compreensão dos nossos direitos. Não é desencadeando a guerra total destruidora e provocando o advento fatal do instinto selvagem sobre a espiritual grandeza da vida que conquistamos direitos.

Não basta pedir novas leis de Justiça, é preciso respeitar as novas noções de sacrifício e a nova consciência de responsabilidades.

FRANCISCO BRANDÃO

A importação do ferro espanhol

Entre as perniciosas conseqüências da guerra na Europa, contavam-se para nós a falta de combustível e a falta de ferro. O Governo excelentemente servido na presente conjuntura pela acção dos organismos corporativos reguladores da actividade económica, pôde, porém, em breve tempo fazer face aos obstáculos que haviam surgido e assim ficou resolvida a questão dos combustíveis. O Acôrdo comercial estabelecido entre Portugal e Espanha vem agora resolver cabalmente o problema das importações de ferro; com efeito noticiaram recentemente os jornais que o Embaixador de Portugal em Espanha apresentara ao Ministro da Indústria e Comércio do país vizinho os representantes da Comissão Reguladora do Comércio de Metais, que foram a Madrid tratar das exportações de ferro de Espanha para Portugal, compreendidas no referido convênio comercial.

Começam a colher-se, mais cedo até do que contávamos, os benefícios da organização corporativa das nossas actividades económicas combinados com as felizes repercussões duma inteligente política externa.

APONTAMENTOS...

«Uma acção digna praticou o dono e senhor do Museu Alberto Sampaio: devolveu à Redacção o *Noticias de Guimarães!* Abusivamente, sim, mas fê-lo com aquela má fé que se lhe conhece e com aquela *grande alma, superior a todas as cousas* — mesmo no insulto mais descarado!

O sr. Alfredo julgou, agora, chegada a ocasião de pregar a sua *partidinha*... e, vai daí, recusa uma cousa que não era sua, mas sim de uma instituição pública.

Talvez que o seu *gesto nobre e fidalgo* fôsse apoiado pelos seus amigos que o cercam — amigos de peniche, é certo, porque apenas o escutam quando é preciso *ladrar à lua*, mas que, no fundo, dizem — «bem te conheço, ó Alfredo!» E eles... são todos iguais!

Este mesmo sr. Alfredo devolveu o jornal que, também recebia gratuitamente, mas a título de colaborador, que de facto foi deste jornal. Nós, que ainda lho remetíamos, apesar de dispensarmos os seus serviços que durante alguns meses nos prestou, não levamos a mal este seu «bom gesto», demais a mais sabemos bem onde ele quer chegar... para fingir que agrada e dar provas de *superioridade*, dizendo — «nem de graça!» Louvamos a sua lembrança — lembrança que, de há muito, trazíamos connosco, e que o sr. Alfredo fêz o favor de nos lembrar... para pouparmos trabalho e despesas.

... Se os leitores soubessem as cousas? Queria que o defendessemos nós que nada temos com os ataques alheios... querendo colocar-nos na linha paralela à sua.

Percebem-nos?

(Do *Noticias de Guimarães*, n.º 68, de 9 de Abril de 1933).



Visado pela
Comissão de Censura